



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM FILOSOFIA**

**O ENTE E SUA RELAÇÃO COM OS TRANSCENDENTAIS
EM SANTO TOMÁS DE AQUINO**

Lucas Daniel Tomáz de Aquino

ANÁPOLIS-GO
2022

Lucas Daniel Tomáz de Aquino

**O ENTE E SUA RELAÇÃO COM OS TRANSCENDENTAIS
EM SANTO TOMÁS DE AQUINO**

Trabalho apresentado como requisito
parcial à obtenção de Licenciatura Plena
em Filosofia pelo programa de
Extraordinário Aproveitamento da
Faculdade Católica de Anápolis.

Anápolis-GO
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho Àquele que tem me dado a mim mesmo, sendo Ele princípio e fim de todas as coisas. E à minha mãe, Maria Conceição do Carmo, que do céu me cobre hoje com suas orações.

RESUMO

O presente trabalho investiga o ente e os transcendentais em Santo Tomás de Aquino. Daremos início com a problemática que surgiu, a partir da tradução no séc. XIV, dos termos *ens* e *esse*, bem como suas diferenças, além da distinção entre ente e substância. Em seguida daremos as propriedades e noções análogas de ente e também suas relações com os transcendentais, apoiando-nos na filosofia antiga e medieval. Por fim, investigaremos a doutrina tomista que sistematizou, de modo definitivo, os transcendentais, isto é, os aspectos co-extensivos e convertíveis com o próprio ente.

Palavras-chave: Filosofia Medieval, Lógica, Metafísica, Ente, Ser, Transcendentais, Tomás de Aquino.

ABSTRACT

The present work investigate the being and the transcendentals in St. Thomas Aquinas. We will begin with the problematic that have appeared from the translation, in the fourteenth century, of the terms *ens* and *esse*, as well as its differences, besides the distinction between being and substance. Then we shall give the proprieties e analogical notions of being and their relations with the transcendentals also, supporting ourselves in the antique and medieval philosophy. Finally, we will investigate the thomist doctrine that sistematized in a definitive way the transcendentals, that is, the co-extensives and convertibles aspects with the same being.

Keywords: Being, Transcendentals, Logic, Metaphysics, Thomas Aquinas.

O estudo da filosofia não tem por objeto saber o que os homens pensaram, mas sim qual é a verdade das coisas.

Santo Tomás de Aquino

— *Quem dizes que são, perguntou, os verdadeiros filósofos?*

— *Aqueles que amam contemplar a verdade, respondeu.*

Platão, *República*, V, 475 e-476 a.

SUMÁRIO

Introdução.

1. O ente.

1.1 A problemática entre ser e ente.

1.2 Diferença entre ente e substância.

1.3 O ente: *primo cognitum*.

1.4 As propriedades do ente.

1.5 A noção análoga do ente.

2. Os transcendentais

2.1 Os transcendentais na Filosofia Antiga e Medieval.

2.2 Os transcendentais em Santo Tomás de Aquino.

2.3 Relação do ente com os transcendentais.

2.4. A exposição de Santo Tomás no *De veritate*.

Conclusão.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscou-se investigar o ente em si mesmo e sua relação com os transcendentais sob a égide da doutrina de Santo Tomás de Aquino, filósofo e teólogo dominicano (Ordem dos Pregadores) que viveu no século XIII. Seguindo as pegadas de Aristóteles, o Aquinate sustenta que o ente é o nosso primeiro conhecido do intelecto (*primo cognitum*) e dele se predicam as categorias ou predicamentos, expostos no livro das *Categorias* de Aristóteles.

Para o pensamento tomista, os transcendentais, por sua vez, são propriedades co-extensíveis e também convertíveis ao ente, comum também a todas as categorias. Daí a necessidade de uma investigação filosófica acerca destas propriedades e sua relação com o ente em si mesmo, a fim de penetrar com mais rigor todas as coisas da realidade que nos cerca.

1. O ENTE

1.1 A problemática entre ser e ente.

A problemática do ser e do ente surge na Grécia Clássica, entre os filósofos, e se estende até os nossos dias. Confundido muitas vezes com o ser, o ente não é o ser, mas o recebe, pois este último é tudo aquilo pelo qual algo é. É ainda, para Santo Tomás, ato de ser (*actus essendi*), a raiz de tudo o que é. Acerca desta distinção, resguardada a devida necessidade de ambos, diz Santo Tomás: “É impossível que algum ente seja [algo] sem ter o ser”¹. Essa confusão entre ser e ente tem raízes nas traduções feitas a partir do século XIV, em grande parte por correntes escotistas e nominalistas².

Traduziu-se erroneamente a palavra grega *ὄν* (ente) por *εἶναι*, que quer dizer ser. O erro se torna ainda pior porque ambos são temas caros à Filosofia. A partir do equívoco desses conceitos, cuja sucessão acabou em um descarrilamento metafísico, assistimos, por exemplo, à negação do evidente no pós-cartesianismo, o *nōumenon* kantiano ou ainda caímos no “esquecimento do ser” em Heidegger — este último também gerado a partir da contraposição entre essência e existência³.

Ente não pode significar o mesmo que ser. Se se diz que *ente* é o *ser*, é a mesma coisa que dizer que *ser* é o que *tem ser* ou *ser* é o que *tem que ser*, o que não faz sentido. Assim, *ὄν* (em latim: *ens*, *entis*) significa *ente* e *εἶναι* (em latim *esse*) significa *ser*⁴. A palavra *ens* (no genitivo: *entis*) é derivada do verbo latino *esse* ao modo de particípio presente neutro. O verbo *esse* é correspondente na língua portuguesa ao verbo *ser* e ambos são irregulares e defectivos, isto é, que não possuem todas as formas verbais.

Por seu turno, um particípio presente (p. ex.: *amante*, *andante*, *ruminante*) caracteriza o sujeito mediante a ação que o define como tal: amante é o que ama,

¹ *De veritate*, q. 21, a. 2, in c.

² Época a qual a metafísica começa a se distanciar da teologia dentro das universidades. O que não faz sentido, já que a partir do livro IX da *Metafísica* Aristóteles trata da doutrina do ato e da potência que culmina no primeiro motor imóvel, aquilo que Santo Tomás chamará de *Ipsum Esse Subsistens*.

³ Para Heidegger, o ser não pode ser definido, pois, ao defini-lo, essa mesma definição o faria tornar-se ente; logo, o que resta, é uma tentativa de exprimir o ser por metáforas e pela linguagem poética. Além disso, o *Dasein* representa o *a priori* ou *transcendental* que desvela o ser no ente. Esta característica apriorística em Heidegger não se dá ao modo kantiano de pressuposição naquele que é sujeito e que apreende o objeto extramental. O *Dasein*, que tem o ser do ente como constitutivo da existência, é o ser-no-mundo que possui basicamente sua “mundanidade” nas características espaço-temporais: “Sem o *Dasein* não há desvelamento ou ser no ente”, explicará Nicolás Octavio Derisi em *El último Heidegger - Aproximaciones y diferencias entre la fenomenología existencial de M. Heidegger y la ontología de Santo Tomás*, Editorial Universitaria de Buenos Aires 1968, p. 23-24.

⁴ Daniel Scherer, *A raiz antitomista da modernidade filosófica*, p. 23. De modo que “o ato de ser constitui o ente enquanto ente, posto que ao dizer ‘ente’ se chama o que é enquanto é, na medida em que tem ser, pelo qual é, a seu modo, algo”, explica Delia María Albisu em *Acerca de los trascendentales*, Instituto Immaculada Concepción, p. 5. Em suma: *ens* designa o sujeito que exerce o ato de ser, enquanto *esse* designa o ato mesmo.

ruminante é o que rumina, *ser* é o que é⁵. Por isso que, gramaticalmente falando, dizemos que amante é o que ama, ruminante é o que rumina, *ser* é o que é e *ente* é o que é. Está aí uma parte do problema.

1.2 Diferença entre ente e substância.

Tal como existe composição real de essência e existência nas criaturas, há também o composto da substância. Essa combinação, segundo Édouard Hugon “não poderá ser compreendida se o ente não está recebido realmente numa essência distinta dele”⁶. Substância é aquilo que subsiste por si mesmo e é suporte de acidentes, aquilo que *sub-stat*. O ato próprio da substância é ser por si, isto é, ser pela e na própria substância.

A substância, em grego *οὐσία*, é o primeiro aspecto essencial que nós conseguimos apreender nas coisas. Já os aspectos que podem modificar-se e estão como que apoiados na substância mesma são chamados acidentes, já que os acidentes só podem se dar *na* substância e não *por si mesmos*⁷. A substância, no entanto, não se confunde com o ente de forma alguma, pois o ente é tudo que há, ou seja, a substância e os nove acidentes: quantidade, qualidade, relação etc. A substância é um gênero supremo (*generalissimus*), ao passo que o ente, como princípio ontológico absoluto, não pode ser gênero⁸.

Quanto à substância, há uma substância primeira e uma substância segunda. A primeira noção é esta que explicamos: ser por si mesma e ser suporte de acidentes, como em “homem alto”, cuja palavra “homem” corresponde à substância (sujeito) e a palavra “alto” corresponde ao acidente (predicado)⁹. A substância primeira é aquela que é ou tem o ser e exerce a *ação de ser*, o ato de ser (*actus essendi*), porque é ente e se dá por si mesmo, não por outro e nem em outro.

Já a substância segunda, designa a quididade ou essência de algo. Diz-se que esta também é ente porque, quanto não signifique algo que exista no sujeito como os acidentes, dela se predica de um sujeito. Da substância segunda diz-se ente ao modo de predicação de um sujeito. Por exemplo: “animal racional”, cuja partícula “racional” indica a essência do homem, isto é, sua razão ou intelecto, aquilo que o difere dos outros animais como o cão, o gato ou o morcego.

A diferença específica indica a quididade ou essência do homem. Neste exemplo, predicamos da substância segunda. A substância primeira é aquilo que é concreto: eu, você, os minerais, a esponja-do-mar, o aracnídeo, as plantas. Todavia, não podemos predicar, por exemplo, “eu sou eu”. Deve-se predicar pela substância

⁵ Carlos Nougué, *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*, É Realizações, 2015, p. 355

⁶ Édouard Hugon O.P., *Os princípios da filosofia de Santo Tomás de Aquino*, EdiPuc-RS, 1998, p. 61

⁷ Álvaro Calderón, *Curso de Física*, texto esotérico, p.24

⁸ Santo Tomás de Aquino, *Comentário à Metafísica de Aristóteles*, Vide Editorial, 2016, p. 277

⁹ Ir. Miriam Joseph, *O Trivium - As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica*, É Realizações, 2008, p. 50. Por isso que na morfologia gramatical da Língua Portuguesa denominamos a palavra “homem” como um substantivo, porquanto designa justamente uma substância, ao passo que predicamos “alto” deste sujeito porquanto designa um adjetivo (qualidade) aplicado ao sujeito. O qualificador “alto” indica, no caso em tela, uma qualidade, isto é, uma categoria e um acidente daquela substância.

segunda: “homem é um animal racional”, isto é, a partir da essência deste gênero, dada pela diferença específica¹⁰.

1.3. O ente: *primo cognitum*.

Assim como o objeto da visão é a cor e o objeto da audição é o som, o sujeito do intelecto é o ente¹¹. A palavra *ente* significa aquilo que é. Pelo intelecto nós podemos conhecer a realidade e pela linguagem comunicamos tudo o que conhecemos, a começar pela pergunta “o que é isto?” (*quid est*), a primeira pergunta da Filosofia. A realidade é exatamente o que é conhecido por nosso intelecto e o ente é o *primo cognitum*, isto é, o primeiro inteligido¹². Deste modo, através do conhecimento das coisas, por abstração dos entes, exprimimos idealmente e linguisticamente os objetos da realidade¹³.

Todo conhecimento começa com a experiência sensível, pelos sentidos externos: tato, paladar, olfato, audição e visão, sobre o qual podem ser desdobrados vários graus de abstração. O mundo sensível nasce da realidade pura e existe independente de nós. Se houvesse um cataclisma natural ou um ataque biológico que eliminasse toda e somente a humanidade, o resto do mundo permaneceria como antes. As árvores, por exemplo, farfalhariam ao influxo do vento da mesma forma, logo prescindem, *a priori*, de intervenção humana.

Assim, a noção de *ente* como primeiro na ordem do conhecer, distingue ‘algo’ de ‘nada’. O nada, nada é, não será e jamais seria. O ente então é aquele algo que primeiro captamos no espírito; aquilo que tem ser, mas que não é o ser. Ente é aquilo que, podemos dizer, “exerce” o ser, tal como o ouvinte gera o ouvir, o carente, o carecer; o ente exerce o ato de ser (*actus essendi*). Há o ente porque há o ser, logo o ser precede o ente¹⁴.

O ente se divide em dez gêneros ou categorias, acepção a qual significa a substância e os nove acidentes¹⁵. Categorias ou predicamentos são os gêneros mais universais de todas as coisas, ou seja, tudo aquilo que se pode predicar de algum sujeito, começando pelo gênero supremo, isto é, a substância (como sujeito), e os demais acidentes: quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão.

Sobre o ente nas Categorias, convém então que a essência signifique algo comum a todas as naturezas pelas quais os distintos entes se ordenem em gêneros distintos e em espécies distintas, como a humanidade é a essência (ou quididade) do homem¹⁶.

¹⁰ Álvaro Calderón, Lógica 06 - Ars Logica - Transcendentales, texto esotérico, p. 4

¹¹ Suma Teológica, I q. 5, a.2: “*primo autem in conceptione intellectus cadit ens [...]. Unde ens est proprium obiectum intellectus: et sic est primum intelligibile, sicut sonus est primum audibile*”.

¹² Iosephus Gredt O.S.B, Elementa Philosophiae Aristotelico-Thomisticae, Sumtibus Herder, 1961, p. 16: “*Primum quod in intellectum cadit, est ens*”.

¹³ Pe. Matteo Liberatore, Compendio di Logica e Metafisica, Stab. Tipografico di Francesco Giannini, Museo Nacionale, 1871, p. 11

¹⁴ Daniel Scherer, A raiz antitomista da modernidade filosófica (conferir página)

¹⁵ Zeferino González, Filosofía Elemental, Imprenta de Policarpo López, Madrid, 1876 . p. 31

¹⁶ Santo Tomás de Aquino, El ente y la esencia (De ente et essentia opusculum - 1252-1256), 4ª edición, M. Aguilar Editor, Biblioteca de iniciación filosófica, Buenos Aires, 1963.

O vocábulo *quididade* é empregado pela tradução latina da definição aristotélica de *essência*, em grego *το τη εν είναι* vertida para o latim como *Quod quid erat esse*, a qual responde a pergunta “o que é?”, a primeira pergunta da Filosofia, cuja resposta é o próprio ente: aquilo que é.

Portanto, se o ente é aquilo pelo qual alguma coisa é e tem o ser, então sua definição está expressa na essência. E se isto é assim, a primeira pergunta a se fazer, evidentemente, é “o que é esta coisa?” ou mais precisamente “Quais os aspectos *essenciais* sem os quais não se pode conhecer tal ou qual coisa?”.

Em latim diz-se “*quid est*” ou “*quid sit*” a esta pergunta que distingue os aspectos essenciais dos aspectos accidentais, da qual decorre sua resposta: a quididade (ou essência).

A noção de *quidditas* e *essentia* relaciona-se também com a problemática medieval da distinção entre essência e existência. Santo Tomás emprega a noção de essência entendida como forma que determina a matéria e a essência constitui, primeiramente, o polo oposto ao da existência. Tal como a existência responde a questão “se” um ente existe (*an sit*), a essência responde a “o que é” um ente (*quid sit*), e é por isso que uma essência se chama também quididade.

Já a palavra ‘quididade’ vem de *quod quid est*, e representa aquilo que a coisa é: *quidditas*, *quid*, quididade¹⁷. Essência vem de *essentialis* que por seu turno vem de *esse* (ser) e é aquilo em que consiste ser tal ou qual coisa¹⁸. A essência pertence ao ente tal como o ente participa do ser, pois a essência está relacionada com o ser e se deve justamente a ele, na medida em que os entes participam no ser através de sua mediação¹⁹.

Os aspectos dos entes ou são *entes per se*, dos quais decorrem a quididade ou essência própria e una — como em, por exemplo, “homem” — ou são entes *per accidens* dotados de quididades ou essências distintas — como em, por exemplo, “homem músico”. Os aspectos da essência, quanto esta seja una, se desdobram em um processo pelo qual o intelecto elucida seu conhecimento das essências e chama-se divisão, daí que o termo deste processo se chame mesmo divisão.

Assim, ao responder a *quid sit* ou *quid est* devemos levar em consideração certos fatores dos quais resulta em abandonarmos os aspectos accidentais do ente e ficarmos somente com seus aspectos essenciais. Isso porque, na Metafísica, o ente é tratado enquanto tal (ente enquanto ente), ao passo que na Lógica o ente é tratado enquanto disposto nas operações da razão²⁰.

A apreensão de qualquer objeto da realidade, e que posteriormente derive um conceito da coisa, implica o conhecimento do ente, daquilo que é, pois o espírito está conhecendo o ente em ato — momento em que na *simples apreensão* (ou intelecção dos indivisíveis ou incomplexos), na primeira operação do intelecto,

¹⁷ Álvaro Calderón, *La naturaleza y sus causas*, tomo I, Ed. Corredentora, 2016, p.175.

¹⁸ Entretanto, há nuances que as diferenciam *secundum rationem*, em todo e em parte, respectivamente: a essência refere-se ao abstrato, ao passo que a quididade ao concreto. Por conseguinte, se considera a essência uma parte constitutiva e principal do ente, como que um “núcleo”, enquanto a quididade significa todo o ente, mas por referência ao essencial.

¹⁹ Johannes B. Lotz, *Transcendentale Erfahrung*, Herder, Freiburg, Alemanha, 1978, p. 97

²⁰ Pe. Álvaro Calderón, *Umbrales a la Filosofía: cuatro introducciones tomistas*, 1^a ed., Moreno, edição do autor, 2011, p. 87

elabora-se um ente de razão²¹ (gênero, espécie, diferença específica, próprio ou propriedade e acidente). Portanto, nenhuma ciência pode prescindir da apreensão do ente²².

1.4 As propriedades do ente

Chamam-se propriedades certas noções que influem diretamente da noção de ente, dada por determinações que emanam imediatamente ao *ens*. Neste sentido, podemos dizer que elas *não acrescentam* nada ao ente, porém o ente necessariamente as possui²³, e sob este aspecto não se constitui tautologia, pois elas esclarecem os aspectos do *ens*²⁴. Estas propriedades chamam-se *transcendentais* e são co-extensíveis ao ente e convertíveis a ele.

A expressão “transcendentais”, porém, não foi usada nem pelos gregos nem pelos medievais. Foi apenas no século XVI, todavia, que os filósofos tomistas começaram a usá-la, apesar de já posta a doutrina formal durante o Alto Medievo²⁵.

Então, para entender o que são estas propriedades *per se* do ente, devemos antes saber que os transcendentais são considerados *análogos supremos*²⁶, justamente porque eles possuem universalidade máxima em relação a outras noções que lhes são análogas.

1.5 A noção análoga do ente.

No *Órganon*, antes de dar as categorias propriamente ditas, Aristóteles nos apresenta os chamados antepredicamentos: a equivocidade, a univocidade e a analogia. Uma predicação análoga é uma síntese entre o semelhante e o diverso, ou seja, quando coisas diferentes possuem algo em comum, um ponto de intersecção. Santo Tomás dirá ainda que a analogia carrega uma diferenciação que é dada por sua natureza e definição²⁷.

Por exemplo, a palavra “saudável” tem como analogante a “saúde”. Deste modo podemos dizer que uma pessoa está com o “rosto saudável”. A analogia é um modo de atribuição de predicados usando formas iguais e diferentes a muitos sujeitos.

O *ens* é análogo (*ens non est univocum, sed analogum, alioquin diversificari non posset*). Esta analogia do ente²⁸ dar-se-á, então, de dois modos:

²¹ Santo Tomás de Aquino (atribuído a Thomas de Sutton), *De natura generis*. Retirado do *Corpus Thomisticum*. Acessado em 02/09/2021.

²² Juan José Sanguineti, *La filosofía de la ciencia según Santo Tomás*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 1977, p. 71

²³ Enrique Collin, *Manual de Filosofia Tomista*, Luis Gili Editor, 1943, p. 178

²⁴ Regis Jolivet, *Curso de Filosofia*, Agir, 1970, p. 268.

²⁵ Álvaro Calderón apud Delia María Albisu, *Acerca de los transcendentales, in Lógica Maior - Los transcendentales*, p. 1

²⁶ Álvaro Calderón *La naturaleza y sus causas*, Tomo II, Ediciones Corredentora, 2016 p. 44

²⁷ Santo Tomás de Aquino, *Os princípios da realidade natural*, Porto Editora, 2003, p. 46.

²⁸ A analogia entis tomista será posta à prova mais adiante na História da Filosofia, sem sucesso, todavia, por ninguém menos que Duns Scot e sua doutrina da univocidade do ente.

em primeiro lugar por proporcionalidade, tal como se dá na matemática, guardando certa proporção entre os analogados, tal quando dizemos “isto está para aquilo assim como o outro está para aquele outro”.

O segundo modo se dá por atribuição, quando tomamos a substância como analogado principal (ou primeiro analogado), dando a esta noção um sentido mais forte, e deixamos os demais entes como derivados da substância, isto é, o tomamos por denominação extrínseca²⁹.

Esta última analogia, no entanto, diz mais profundamente acerca do ente, porquanto ela assinala a relação entre todos os modos ou maneiras de se dizer ‘ente’. Deste modo, ao fundir ambos os modos — a analogia de atribuição extrínseca com a de proporcionalidade — em uma analogia só, os filósofos criaram uma classificação especial de analogia chamada de *atribuição intrínseca*³⁰.

A analogia se estende aos transcendentais porque dizemos que essas propriedades possuem extensão e conversibilidade com o ente quando este não pode ser expresso pelo nome mesmo de ‘ente’. Por isso também que nele há esta coisa sem que, contudo, lhe seja estranho à natureza mesma do ente³¹.

O ente é o *análogo supremo* e fundamental, o primeiro dos transcendentais, e todas as demais concepções do intelecto são reduzíveis, de algum modo, a ele. No caso das propriedades transcendentais, se diz que elas são convertíveis com o *ens* justamente porque elas, as propriedades transcendentais, podem assumir posições como sujeito ou predicado. Por isso dizemos, por exemplo, que “o ser é uno” e “uno é o ser”³².

2. OS TRANSCENDENTAIS

2.1 Os transcendentais na Filosofia Antiga e Medieval.

Antes do século XIII, não havia uma ordenação metódica dos transcendentais. Os gregos não o legaram a nós. Somente os escolásticos, durante a Alta Idade Média, elaboraram esta noção e a explicaram de modo concreto. Especialmente em Santo Tomás veremos uma organização contumaz destas propriedades do ente³³.

²⁹ Álvaro Calderón, *Lógica 06 - Ars Logica - Transcendentales*, texto esotérico, p. 5: “Os *acidentes* não são tanto algo por si mesmos, senão que a substância é algo por eles” (tradução nossa).

³⁰ Ibidem, loc. cit. Ademais, é através da analogia de atribuição intrínseca que se conhece a Deus na metafísica (livros IX a XII da *Metafísica* de Aristóteles comentada por Santo Tomás); pois, neste modo de analogia, aquilo que é significado pelo nome está em todos os analogados, porém desigual *per naturam*. No primeiro analogado (Deus), há o significado pelo nome de modo principal e perfeito, ao passo que nos demais (criaturas), o há de modo secundário e imperfeito — já que Deus é causa e as criaturas são seus efeitos.

³¹ Não se trata de uma especificação, como ocorre na diferença específica em relação ao gênero, mas somente *adição* ao ente, já que neste não se pode adicionar nada de estranho, conforme diz Santo Tomás no *De veritate*.

³² Henri-Dominique Gardeil, *Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino - Psicologia, Metafísica*, Paulus, 2013, p. 360

³³ Na Filosofia Moderna, o termo “transcendental” assume novas configurações e significados. Um dos mais importantes parece-nos ser o de Kant, cujo texto diz: “Chamo transcendental a todo o

A questão desta sistemática fez-se pertinente porquanto as noções que abrangem os transcendentais, antes deste arranjo medieval, por mais que encontrassem certa unidade no homem ou na pólis, encontravam-se espraiadas por vários temas e matérias filosóficas: em algum livro se tratava da questão do uno, em outros lugares falava-se sobre o verdadeiro, em outros surgia a questão do belo e assim por diante. Para ilustrar a História da Filosofia, tomaremos a questão do uno.

Anaximandro, acerca da gênese de todas as coisas do infinito, já discorria acerca dos transcendentais. Para ele, no *ápeiron* (*ἀπειρον*), isto é, no infinito, os opostos e contrários possuíam uma harmonia, que é o uno.

Xenófanes, precursor da doutrina da unidade, e a escola Eleata como um todo, concordavam que o universo e os deuses eram uno³⁴: “Um só Deus entre os deuses (...) vê inteiro, pensa inteiro, ouve inteiro” (Frag. 23-26).

Para os pitagóricos, era a partir do uno que se derivavam todos os outros números. Mais ou menos ao modo das oposições e contrários de Anaximandro, os pitagóricos estabeleceram — a partir de entes que são apenas números e figuras geométricas e que não são corporais — contrariedades de diversos tipos, tal como o uno e o múltiplo, o par e o ímpar etc.

Para Heráclito, é apenas *um* o que permanece, e a partir do devir todo o resto é formado e modificado. Disto se deduz que “é avisado concordar que todas as coisas são uma” (*Fragmento 50*) e que o uno se pode denominar de “o único sábio”³⁵ (*Fragmento 32*).

Parmênides associou o conceito de ente (*ón*) em estreita unidade com o *noûs*, e dentre seus atributos está a questão da unidade, já que, se todas as coisas são entes, são unas, e a multiplicidade das coisas se distingue da *unidade do ente*, que é seu atributo³⁶. Parmênides dizia no *Fragmento 8* que o ser: “nem era nem será, pois é tudo junto agora, uno, contínuo”.

conhecimento que em geral se ocupa menos dos objetos, que do nosso modo de os conhecer, na medida em que este deve ser possível a priori. Um sistema de conceitos deste gênero deveria denominar-se filosofia transcendental”. Immanuel Kant, *Crítica da Razão Pura*, A 12/B 25, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001, p. 79. A dificuldade parece se agravar na Filosofia Contemporânea, como, por exemplo, em Ludwig Wittgenstein, cujo termo “transcendental” ocupa lugar em matérias díspares, como na lógica e na ética (ou estética). Cf. *Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Lógicas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2015, p. 128: “nº 6.13 - A Lógica não é uma doutrina, é um espelho cuja imagem é o mundo. A lógica é transcendental”. Ibidem, p. 138: “nº 6.421: É óbvio que a Ética não se pode pôr em palavras. A Ética é transcendental. (A Ética e a Estética são Um.)”. Ou ainda na significação transcendental em Martin Heidegger de acordo com o Ser e o *Dasein*: Cf. *Ser e tempo*, Editora Unicamp/Editora Vozes, Campinas, 2014, p. 129: “Ser é o *transcendens*^a pura e simplesmente. A transcendência do ser do *Dasein* é uma assinalada transcendência na medida em que nela residem a possibilidade e a necessidade da mais radical individualização. Toda abertura de ser como abertura do *transcendens* é conhecimento transcendental. A verdade fenomenológica (abertura de ser) é veritas *transcendentalis*”.

^a - “*Transcendens* - apesar de toda a sua ressonância metafísica - não à maneira escolástica e greco-platônica do *xotvóv*, e sim transcendência como estática-temporalidade (Temporalität)-temporalidade (Zeitlichkeit); (...) Mas transcendência a partir da verdade do ser: o *Ereignis* [acontecer apropriante]”.

³⁴ Giovanni Reale - *História da Filosofia Antiga* - Vol. I, Paulus, 2005, p. 98.

³⁵ Ibidem, p. 92

³⁶ Julián Marías, *História da Filosofia*, Martins Fontes, 2004, p. 25.

Sócrates, conforme exposto no início das *Memoráveis* de Xenofonte, na *Apologia de Sócrates* e no *Eutífron* de Platão, além de ser acusado de “corromper a juventude”, foi posto no tribunal por “não acreditar nos Deuses nos quais acredita a cidade, além de introduzir novas Divindades”³⁷. Sócrates tinha aversão ao antropomorfismo físico e moral dos deuses. Em sua teologia, Deus aparece também como uno e pertencente a uma “variedade viva no plural”³⁸.

Apesar de os primeiros gregos terem tratado diversos temas que mais tarde entrariam na ideia de “transcendentais”, Platão e Aristóteles foram os filósofos que mais se aprofundaram nestas questões, apesar de os terem tratado também de modo esparso e em diversas obras.

Platão identificava o ser com o bem ou a Ideia Suprema. O *verum* aparece a partir da linguagem no diálogo *Crátilo*³⁹ e no livro *Parmênides*. Ele discorre a questão do uno e do múltiplo, indispensável à sua metafísica e à Teoria das Ideias, pois, faz-se necessário resolver a aporia do ente (uno, móvel e eterno) e sua relação com as coisas que são múltiplas, perecíveis e variáveis.

Já Aristóteles dizia que todo ser carrega unidade e que “se não houver algo uno em si, nem o ente em si, será difícil existir algo além do que são chamados singulares”⁴⁰. Para o Estagirita, o ente é eminentemente uno, verdadeiro e bom.

Em todo o Neoplatonismo, a figura de Plotino talvez seja aquela que mais deu ênfase à questão do uno, que era justamente princípio de sua hierarquia ontológica, e dele, por emanação, procediam todas as coisas⁴¹.

Santo Agostinho, seguidor de Platão como muitíssimos outros autores da Patrística e do Neoplatonismo, associou os transcendentais *verum* e *bonum* a Deus. Para o Doutor da Graça, existe uma pluralidade do homem mediante à *unidade* querida por Deus, que não é senão a pessoa em si mesma, o ‘eu’ que recorda, ama e raciocina⁴².

Os medievais, porém, notaram algo mais consistente e sistemático e que carregava certa analogia com o ente dentre os conceitos de unidade, beleza, verdade e bondade, tal como a existência de outras noções intrínsecas, como as de algo (*aliquid*) e coisa (*res*)⁴³ e que estas propriedades também eram co-extensíveis e convertíveis com o próprio ente.

Assim, na Alta Idade Média, há o início de uma estruturação metódica acerca daqueles aspectos que transcendiam os predicamentos descritos por Aristóteles no

³⁷ Op. cit. apud. Xenofonte, *Memoráveis*, I, 1, 1; Platão, *Apologia de Sócrates*; *Eutífron*, 2 e ss.

³⁸ Ibidem., p. 289

³⁹ Em Aristóteles, a questão da linguagem será esmiuçada no *Peri Hermeneias* ou *Sobre a interpretação*, comentado em parte por Santo Tomás. Para este último, a linguagem tem papel preponderante na questão do *verum*, expressa pela famosa sentença “*adaequatio rei et intellectus*”, erroneamente atribuída ao Aquinate, sendo o verdadeiro autor o filósofo judeu Ysaac Israeli

⁴⁰ Santo Tomás de Aquino, *Comentário à Metafísica de Aristóteles*, livro III, l. 12, Vide Editorial, 2016, p. 311 [Texto original de Aristóteles: *Metaph.* 1001a4-1001a20]

⁴¹ Julián Marías, *História da Filosofia*, Martins Fontes, 2004, p. 109-110.

⁴² Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, Vol. II, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2016, p. 1141: “Deus decidiu a criação do género humano a partir de um só homem para mostrar aos homens quanto apreciava a unidade na sua pluralidade”.

⁴³ Gustavo Eloy Ponferrada, *Introducción al tomismo*, Biblioteca Argentina de Filosofia, Club de Lectores, 1985, p. 183.

livro que abre o *Organon*. Filipe, o Chanceler, figura esquecida do Medievo, dá início à sistematização dos transcendentais⁴⁴ com seu principal trabalho chamado *Summa de bono* (Suma sobre o bem), cuja bibliografia apoiava-se ele, dentre outros, nos ensinamentos dos Padres da Igreja, no *Corpus aristotelicum* e nos filósofos árabes do início do século XIII⁴⁵.

Na *Summa de bono*, Felipe, o Chanceler lista os transcendentais *unum*, *res* e *aliquid*, além de *verum* e *bonum*, donde o *pulchrum* associava-se a fim de “consagrar a objetividade e a universalidade da beleza” de todo ente enquanto ente⁴⁶.

A ordem dos transcendentais clássicos, na *Summa de bono*, era a seguinte⁴⁷:

Ens

|

Unum → Indivisão

|

Verum → Indivisão do ser e o que é.

|

Bonum → Indivisão do ato em relação à potência.

Felipe, o Chanceler, foi contemporâneo de Santo Tomás de Aquino e ambos tiveram a Severino Boécio como predecessor de suas ideias. Quanto aos transcendentais, Boécio tocou em um ou outro ao escrever o *De Trinitate*, comentado posteriormente por Santo Tomás, cuja divisão das ciências especulativas dava-se na física, nas matemáticas e na metafísica (para ele, um espelho da Santíssima Trindade⁴⁸), e que parece se remontar ao livro VI da *Metafísica* de Aristóteles.

Além disso, Boécio escreveu o *De Hebdomadibus*⁴⁹, também comentado por Santo Tomás⁵⁰, que versa sobre a natureza do bem nas substâncias e que começa falando sobre “como as substâncias são boas naquilo que são, ainda que não sejam

⁴⁴ Jan A. Aertsen, *Medieval Philosophy as Transcendental Thought From Philip the Chancellor to Francisco Suárez*, Brill Press, 2012, p. 109.

⁴⁵ Ibidem, p. 110.

⁴⁶ Mafalda de Faria Blanc, *O Ente, o Ser e os seus transcendentais*, Mediaevalia - Textos e Estudos, 11-12 (1997), pp. 77-90 .

⁴⁷ Jan A. Aertsen, *La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino*, EUNSA, 2003, p. 43.

⁴⁸ Para ele, Deus é Trino “desde as disciplinas mais profundas da filosofia” (“Ex intimis sumpta philosophiae disciplinis”). Severino Boécio, *De sancta trinitate*, prol., ed. C. Moreschini, em: *De consolatione philosophiae - Opuscula theologica*, Munich-Leipzig 2000 (Bibliotheca Teubneriana), p. 166.

⁴⁹ O título original da obra nos dá mais pistas sobre o trabalho de Boécio sobre a doutrina dos transcendentais: *Quomodo substantiae in eo quod sint bona sint cum non sint substantialia bona, liber. Ad Ioannem Diaconum Ecclesiae Romanae*. Neste texto, Boécio discorre sobre diversos transcendentais quando diz, por exemplo: “Aquelhas coisas que são, são boas” ou ainda: “Diverso é o ser e aquilo que é” etc.

⁵⁰ *Expositio libri Boetii De Ebdomadibus*. Retirado do *Corpus Thomisticum*. Acessado em 02/09/2021.

bens substanciais”⁵¹ ao tratar “como as substâncias são boas em virtude de serem”⁵².

Na Universidade de Paris, os mestres franciscanos ensinaram a doutrina dos transcendentais, mais explicitamente utilizando a *Summa fratris Alexandri*, atribuída a Alexandre de Hales e João Rupella (João de la Rochelle), segundo mestre regente dos franciscanos em Paris. Na *Summa*, ainda no livro I, o terceiro tratado discorre sobre a relação intrínseca (*sunt unius coordinationis*) entre a unidade, a verdade e a bondade divinas, divergindo de Felipe, o Chanceler, basicamente, na questão da unidade⁵³. Deste modo, a doutrina dos transcendentais foi integrada, conforme palavras de Jan A. Aertsen, “pela primeira vez, em uma síntese teológica, proporcionando um fundamento metafísico [sólido] para a reflexão sobre os atributos divinos”⁵⁴.

Santo Alberto Magno, que foi professor dos dominicano em Colônia, ocupou-se dos transcendentais em obras diversas⁵⁵. Merecem destaque dois opúsculos de sua autoria: *De natura boni* (Sobre a natureza do bem), escrito entre 1236 e 1237, que versava sobre a natureza do bem e *De bono* (Sobre o bem), escrito em 1240, já na Universidade de Paris. Apesar de ambos os opúsculos tratarem as virtudes sob uma perspectiva ética, este último livro trata a questão do bem de modo mais metafísico, segundo a intenção comum de bem (*secundum comunem intencionem boni*), ou seja, sob a égide do que é comum aos entes⁵⁶. Para o Doutor Universal, como explícito em seu *De praedicabilibus*, aquilo que abarca todos gêneros deve obrigatoriamente *transcender* as categorias simples.

2.2. Os transcendentais em Santo Tomás de Aquino

Se por um lado os filósofos gregos não elaboraram uma estruturação dos transcendentais, a Escolástica tratou de sistematizá-los, designando tais propriedades gerais do ente segundo o modo de consideração, diferindo apenas *secundum rationem*⁵⁷, isto é, de modo contrário às Categorias — cuja divisão é feita

⁵¹ Severino Boécio, *De hebdomadibus*, lib. I.

⁵² As traduções em aspas neste parágrafo são de Ivo Fernando da Costa, *Comentário ao livro “De Hebdomadibus” de Boécio* in *Veritas*, Revista de Filosofia da PUC-RS, Porto Alegre, v. 65, n. 2, p. 1-17, mai-ago. 2020

⁵³ Para Alexandre de Hales, o ente, em seu próprio gênero, considerado absolutamente, é *unum*.

⁵⁴ Jan A. Aertsen, *La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino*, EUNSA, 2003, p. 50.

⁵⁵ Inclusive em sua *Summa theologiae*, onde discorreu sobre os transcendentais unidade, verdade e bondade, mais especificamente no livro I, tratado VI, e em seu comentário às *Sentenças* de Pedro Lombardo, no livro I, cujo trabalho versou acerca da relação entre ente, verdade, unidade e bem. Em seu comentário ao *De divinis nominibus*, de Pseudo-Dionísio Areopagita, sua preocupação foi conciliar a ordem dos nomes divinos e os transcendentais, já que “bondade” é nome primário aplicado a Deus, anterior a ente, que, em contrapartida, é a primeira concepção do intelecto. Assim, sua investigação versou sobre ‘se o bem supõe o ente e não o contrário’, já que o ente é também o primeiro dos transcendentais. (Cf. Ibid.)

⁵⁶ Jan A. Aertsen, *Medieval Philosophy as Transcendental Thought From Philip the Chancellor to Francisco Suárez*, Brill Press, 2012, p. 178

⁵⁷ Daniel Scherer, *A raiz antitomista da modernidade filosófica*, Edições Santo Tomás, p. 45

em gêneros distintos, a saber: o gênero supremo, que é a substância, e os demais accidentes.

Os escolásticos entendiam estas noções transcendentais como “transcendência semântica”⁵⁸: por sua comunhão predicativa, os transcendentais ultrapassam as categorias e seus gêneros e é por isso que eles são tanto lógicos quanto metafísicos. Isso porque aí está pressuposta “uma concepção de Filosofia Primeira, que reconhece os limites da ontologia categórica de Aristóteles e pretende, em um movimento, transcender em direção ao ser em geral”⁵⁹.

Santo Tomás não escreveu um tratado completo acerca dos transcendentais, porém isto não obsta seu trabalho acerca do tema; disso não se pode inferir que a temática fosse de menor importância para o Aquinate. Sua teoria da participação, pedra de toque de toda a sua metafísica junto à doutrina aristotélica do ato e da potência, não recebeu um tratado específico por parte de Santo Tomás, cujo trabalho metafísico, tanto da teoria da participação quanto dos transcendentais, é de suma importância para a compreensão de seu pensamento como um todo.

O Doutor Comum, seguindo em sua juventude a Avicena – autor que na maturidade será rechaçado por ele⁶⁰ –, tratou desta temática no *De veritate*, especialmente na primeira questão disputada. A metafísica tomista tem seu germe na realidade mesma das coisas (o ente enquanto ente), na compreensão natural dos objetos extramentais, no real objetivo com seu “dinamismo teleológico e sua graduação hierárquica”⁶¹ que aponta para uma escala metafísica dos entes que compõem a natureza e a realidade.

Na primeira questão do *De veritate*, Santo Tomás nos ensina que ao ente “não se lhe pode acrescentar nada de estranho, como por exemplo a diferença acrescentada ao gênero ou o acidente ao sujeito”⁶². E isso acontece porque essencialmente toda natureza é ente.

Para Aristóteles, o ente não pode ser gênero, como demonstrado no livro da *Metafísica*, já que ao gênero é possível acrescentar ou predicar alguma coisa, como em “animal racional”, onde aquele é gênero e este é diferença específica; ou como em “vivente” e “não vivente” à substância⁶³ etc. Deste modo, os transcendentais expressam um modo de ser não expresso pelo nome mesmo de ‘ente’⁶⁴.

Ainda na juventude, e isto perdurará até a maturidade de Santo Tomás, ele diz em seu *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo* que unidade e ente são

⁵⁸ Op. Cit. p. 35

⁵⁹ Ibidem. p. 36. Grifo e tradução nossa.

⁶⁰ Na juventude, Santo Tomás dera o epíteto de “Comentador” (com C maiúsculo) a Avicena, tal como chamava Aristóteles de Filósofo com F maiúsculo. Na maturidade, porém, o Aquinate chamará Avicena de “Corruptor” do *Corpus Aristotelicum*.

⁶¹ Eudaldo Formet, *La sistematización de Santo Tomás de los transcendentales, Contrastes - Revista interdisciplinar de Filosofía*, vol. I, 1996, p. 107.

⁶² *De veritate*, q. 1, a1. Retirado do *Corpus Thomisticum*. Acessado em 02/09/2021

⁶³ Juan José Sanguineti, *Logica*, EUNSA, 1982, p. 77. O predicable ‘gênero’ é aquele que significa uma parte apenas da essência, comum a outras espécies. Já o predicable ‘diferença específica’ indica a característica própria da espécie, aquilo que a distingue de outra. Em latim: *in quale quid*, ou seja, na qualidade. Estes aspectos são chamados ‘entes de razão’, porquanto têm fundamento remoto na realidade, isto é, apenas em nossa mente. Estão aí para que organizemos os entes *in re*.

⁶⁴ Ibidem. p. 78

convertíveis (*unum et ens convertuntur*)⁶⁵ e adiante na *Suma Teológica* argumenta que a unidade tal como a verdade e o bem são comuns a todas as coisas singulares⁶⁶.

A noção tomista de *transcendentia* vem dos neoplatonistas⁶⁷, mais especificamente de Santo Agostinho no *De civitate Dei*, isto é, no sentido de *superação*. O Doutor da Graça discorre sobre a intenção da filosofia de Platão no que diz respeito à superação do que seja Deus, que transcende a matéria (Deus não é corpo); Deus não é mutável, portanto transcende o espírito mutável⁶⁸. Esta teoria será recuperada no livro das *Sentenças* de Pedro Lombardo. Partindo deste princípio, Santo Tomás culminará na noção medieval de superação das Categorias aristotélicas: *in transcendentibus quae circumeunt omne ens*⁶⁹.

2.3. Relação do ente com os transcendentais.

Os conceitos transcendentais denotam aspectos relativos ao ente enquanto ente, expressando aquilo que segue o ente em geral, ao que convém a todos os objetos da realidade com seus respectivos acidentes.

Eles significam, ao mesmo tempo, noções e realidades, pois, enquanto realidade, são aspectos mesmo do ente, como propriedades comuns dadas justamente por terem o ser. Deste modo, como já discorrido neste trabalho, o intercâmbio de ente por noções transcendentais, isto é, como sujeito ou predicado de uma oração, denota que esta permutabilidade indica a identidade real dos transcendentais⁷⁰.

Essa convertibilidade entre aspectos transcendentais e o ente, contudo, não significa que ambos expressem termos sinônimos como, por exemplo, em “triângulo” e “polígono de três lados”. Esta distinção de razão tem fundamento na realidade e por isso chama-se virtual, conforme o tipo de fundamento. Nos transcendentais, essa virtualidade é chamada “distinção de razão raciocinada imperfeita” ou “virtual menor”, cuja suposição é ter o conteúdo dos conceitos em ato. Razão pela qual um algo está implícito no outro de modo explícito, daí seu fundamento imperfeito⁷¹.

Os transcendentais manifestam os aspectos não significados pela noção de ente de maneira inequívoca. Mas se eles significam ao mesmo tempo noções e

⁶⁵ Comentário às *Sentenças*. II, d. 40, q. 1, a. 4.

⁶⁶ *Suma Teológica*, I, q., 93, a. 9: “*unum autem, cum sit de transcendentibus, et commune est omnibus, et ad singula potest aptari; sicut et bonum et verum*”

⁶⁷ Alice M. Ramos, *Dynamic Transcendentals - Truth, goodness and beauty from a Thomistic perspective*, The Catholic University of America Press, 2012, p. 31.

⁶⁸ Jan A. Aertsen, *La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino*, EUNSA, 2003, p.98.

⁶⁹ *Quaestiones disputatae de virtutibus*, q. 2. ad. 8.

⁷⁰ Tomás Alvira, Luis Clavell e Tomás Melendo, *Metafísica*, EUNSA, 1989, p. 137.

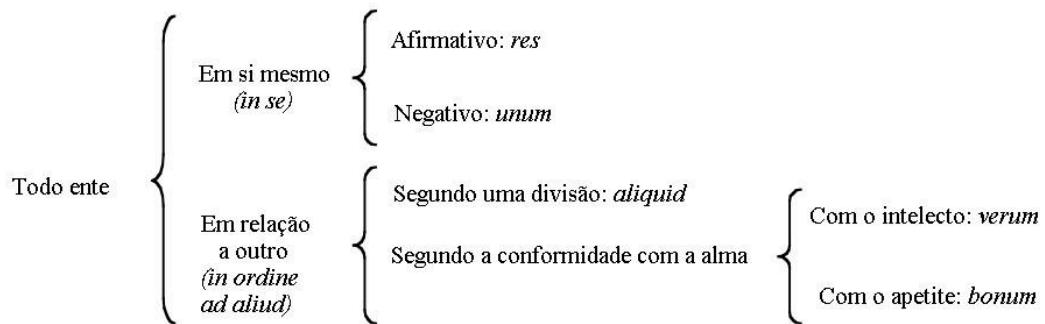
⁷¹ Eudaldo Formet, *La sistematización de Santo Tomás a los trascendentales*, *Contrastes*, v. I, 1996, p. 118. ‘Virtual maior’ ou distinção de razão raciocinada perfeita contrapõe-se àquele, por quanto supõe que um dos conceitos contém ao outro em potência, não em ato como se dá em um virtual menor que é o caso dos transcendentais.

realidades, eles se dão segundo a razão (*ratione comprehensionis*)⁷², ou seja, se dão pelo nosso modo débil de conhecer as coisas: “por ter o ser, chamamos ente; por ser cognoscível e amável se denomina verdadeira e boa; por sua coesão interior, dizemos que tem unidade, etc.”⁷³.

E para Santo Tomás, se os transcendentais expressam um modo de ser não expresso pelo termo ente, então esta adição é intrínseca, já que não se pode adicionar nada de estranho ao ente. Além disso, a noção transcendental do ente em Santo Tomás é modal (*modus essendi*)⁷⁴. Deste modo, o ente aparece como *modus generalis consequens omne ens*⁷⁵, ou seja, como modos gerais consequente a todos os entes. A palavra *transcendentia* aparece cerca de 14 vezes na obra do Aquinate, geralmente associada a multidão (*multitudo*)⁷⁶.

2.4. A exposição de Santo Tomás no *De veritate*

A exposição que Santo Tomás faz no *De veritate* acerca da expressão do ente é dupla: ou o ente é em si mesmo (*in se*) ou em ordem a outro (*in ordine ad aliud*)⁷⁷. A sistematização que há no *De veritate*, esquematizado por Jan A. Aertsen em *Medieval philosophy and the transcendentals*, pode ser resumida assim:



Para o Aquinate, há uma subdivisão em todo ente considerado em si mesmo (*in se*), visto que deles pode-se negar ou afirmar algo: de modo afirmativo *res* e de modo negativo *unum*. Afirmativamente, todo ente tem uma essência ou quididade, expressa pela coisa (*res*), enquanto do nome *ens* deriva-se o ato de ser (*actus essendi*). Por *unum* diz-se que todo ente é indiviso, ou seja, há uma negação da divisão (*ens indivisum*)⁷⁸.

No segundo grupo, os relacionais, há uma divisão *secundum divisionem*. O transcendental algo (*aliquid*) significa aqui "outro algo", o mesmo sentido que se

⁷² Gallus Manser, *La esencia del Tomismo*, Bolaños y Aguilar, 1947, p. 140. Ente de razão é aquele que possui fundamento remoto na realidade, tal como os são os predicáveis.

⁷³ Ibidem. p. 141.

⁷⁴ Jan A. Aertsen, *La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino*, EUNSA, 2003, p. 94.

⁷⁵ *De veritate*, q. 1, a.1

⁷⁶ Op. Cit., p. 98.

⁷⁷ *De veritate*, q. 1, a. 1.

⁷⁸ Jan A. Aertsen, *La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino*, EUNSA, 2003, p. 104.

expressaram Alexandre de Hales e Santo Alberto Magno, ou seja, em relação ao uno, já que aliquid é o “ente chamado algo na medida em que é dividido de outros”⁷⁹.

Há ainda uma conformidade por natureza de um ente com o outro. Esta conveniência é a resposta, conforme diz Aristóteles no livro III do *De anima*, pois ela é “de certo modo todas as coisas”, como diz Santo Tomás no *De veritate*: *hoc autem est anima, quae ‘quodam modo est omnia’* (*Isto é, a alma, que é ‘de certo modo todas as coisas’*).

O ente, como já dito neste trabalho, é o primeiro inteligido e objeto próprio do intelecto. A alma, porém, é aquela que intelige “aquilo que é”, isto é, o ente, criando assim uma conformidade (*convenientia*) entre a alma que intelige e o ente que é inteligido. Como a alma possui dupla faculdade, a saber, a appetitiva e a cognoscitiva, a conveniência dar-se-á entre *bonum* a respeito do apetite e, em conformidade com o intelecto, o transcendental *verum*.

O problema da adição ao ente, sem que lhe seja adicionado nada de estranho, é resolvido, porquanto os transcendentais fazem uma adição *secundum rationem*, isto é conceitualmente ao ente. Este é o ponto de partida de Santo Tomás para resolver esta aporia da primeira concepção do intelecto.

⁷⁹ Op. Cit.: “si autem modus entis accipiatur secundo modo, scilicet secundum ordinem unius ad alterum, hoc potest esse dupliciter. Uno modo secundum divisionem unius ab altero et hoc exprimit hoc nomen aliquid: dicitur enim aliquid quasi aliud quid, unde sicut ens dicitur unum in quantum est indivisum in se ita dicitur aliquid in quantum est ab aliis divisum”.

CONCLUSÃO

Analisamos neste trabalho o conceito de ente, e as diferenças entre este, substância e ser, vitais para explicarmos o ente, suas propriedades e noções análogas que se relacionam com os transcendentais. Damos um breve resumo da história da filosofia, desde alguns gregos até Santo Alberto Magno, para explicar o pensamento desses filósofos sobre os transcendentais e chegamos a Santo Tomás de Aquino, cujo pensamento sobre os transcendentais era de sistematização destes aspectos convertíveis e co-extensivos ao ente, superando as categorias aristotélicas e de permutabilidade de identidade real dos transcendentais com o ente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Santo Tomás de. Quaestiones Disputatae De Veritate. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>>. acesso em 08/09/2021.
- _____. Commentaria in octo libros Physicorum. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 04/10/2021.
- _____. Scriptum super Sententiis. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 04/10/2021.
- _____. De natura generis. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 08/09/2021.
- _____. Quaestiones Disputatae de Potentia Dei. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 26/09/2021.
- _____. Quaestiones Disputatae de Virtutibus. Corpus Thomisticum. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 08/02/2022.
- _____. Expositio libri Boetii De Ebdomadibus. Disponível em <<https://www.corpusthomisticum.org>> Acesso em 26/09/2021.
- _____. Suma Teológica. Livraria Sulina Editora/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. Caxias do Sul, 1980.
- _____. Comentario a las sentencias de Pedro Lombardo. Ediciones Universidad de Navarra, EUNSA. Pamplona, 2015.
- _____. Os princípios da realidade natural. Porto Editora, Porto, 2003.
- _____. Comentário à Metafísica de Aristóteles. Vide Editorial, Campinas, 2016.
- _____. El ente y la esencia. M. Aguilar Editor, Buenos Aires, 1963
- AERTSEN, Jan A. Aertsen. Medieval Philosophy as Transcendental Thought From Philip the Chancellor to Francisco Suárez. Brill Press, Leiden, 2012
- _____. La filosofía medieval y los trascendentales. Un estudio sobre Tomás de Aquino, EUNSA. Pamplona, 2003.
- RAMOS, Alice M. Dynamic Transcendentals - Truth, goodness and beauty from a Thomistic perspective. The Catholic University of America Press, Washington, D.C, 2012.
- GREDT, Iosephus. Elementa Philosophiae Aristotelico-Thomisticae. Editorial Herder, Barcelona, 1961.
- TOMÁS, João de Santo. Cursus Philosophicus Thomisticus. Disponível em <https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1589-1644__Ioannes_a_Sancto_>

Thoma__Cursus_Philosophicus_Thomisticus__LT.pdf.html.>. Acesso em:
06/10/2021.

AQUINO, Lucas Daniel Tomáz de. A consolação da estupidez humana. Edição do autor. Brasília, 2019.

LIBERATORE, Matteo. Compendio di Logica e Metafisica. Stab. Tipografico di Francesco Giannini, Nápoles, 1871.

AGOSTINHO, Santo. A cidade de Deus. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2016.

CALDERÓN, Álvaro. Umbrales a la Filosofía: cuatro introducciones tomistas. Moreno, Edição do Autor, Buenos Aires, 2011.

_____. La naturaleza y sus causas. Ediciones Corredentora, Buenos Aires, 2016.

_____. Aula 06 - Ars Lógica - Los transcendentales. Texto esotérico. Edição do Autor, Buenos Aires, 2016.

_____. Curso de Física. Texto esotérico. Edição do Autor, Buenos Aires, 2016.

HUGON, Édouard. Os princípios da filosofia de Santo Tomás de Aquino. EdiPuc-RS, Porto Alegre, 1998.

JOSEPH, Miriam Joseph. O Trivium - As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica, É Realizações, São Paulo, 2008.

GONZÁLES, Zeferino. Filosofía Elemental. Imprenta de Policarpo López, Madrid, 1876.

ARISTÓTELES. Organon. Guimarães Editores. Lisboa, 1985.

LOTZ, Johannes B. Lotz. Transcendentale Erfahrung, Herder, Freiburg, 1978.

SANGUINETI, Juan José. Logica, EUNSA, Pamplona, 1982.

_____. La filosofía de la ciencia según Santo Tomás, EUNSA, Pamplona, 1977

PONFERRADA, Gustavo Eloy. Introducción al tomismo. Club de Lectores, Buenos Aires, 1985.

DERISI, Nicolás Octavio. El último Heidegger; aproximaciones y diferencias entre la fenomenología existencial de M. Heidegger y la ontología de Santo Tomás. Editorial Universitaria de Buenos Aires. Buenos Aires, 1968.

BLANC, Mafalda de Faria Blanc, O Ente, o Ser e os seus transcendentais. Revista Mediaevalia - Universidade do Porto, Porto, 1997. Acessado em 02/09/2021

BOÉCIO, Severino. De hebdomadibus. Disponível em

<<http://www.logicmuseum.com/authors/boethius/dehebdomadibus.htm>>. Acessado em 10/09/2021.

_____. De consolatione philosophiae. Disponível em:

<https://www2.hf.uio.no/polyglotta/index.php?page=volume&vid=216>. University of Oslo.

COSTA, Ivo Fernando da. Comentário ao livro “De Hebdomadibus” de Boécio.

Veritas, Revista de Filosofia da PUC- RS. Porto Alegre, 2020. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/download/37017/19722/>>. Acessado em 01/09/2021.

FORMAT, Eudaldo. Metafísica. Ediciones Palabra. Madri, 2009.

_____. La sistematización de Santo Tomás de los transcendentales. Contrastos - Revista interdisciplinar de Filosofia, vol. I, 1996. Disponível em:

<<https://revistas.uma.es/index.php/contrastes/article/view/1881>>. Acessado em 01/09/21.

- GARDEIL, Henri-Dominique Gardeil. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino - Psicologia e Metafísica, Paulus, São Paulo, 2013.
- COLLIN, Enrique. Manual de Filosofia Tomista. Luis Gili Editor, Barcelona, 1943
- JOLIVET, Regis. Curso de Filosofia. Editora Agir, Rio de Janeiro, 1970
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Lógicas. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2015
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Editora Unicamp. Campinas, 2014.
- ALVIRA, Tomás, CLAVELL, Luis, MELENDO, Tomas. Metafísica. EUNSA, Pamplona, 1989.
- MANSER, Gallus. La esencia del Tomismo. Bolaños y Aguilar, Madri, 1947
- LASO, Jose Alvarez. La filosofía de las matemáticas en Santo Tomás. Editorial Jus, Cidade do México 1952.
- ENCHAVARRÍA, Martín F. A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino. Editora CDB. Rio de Janeiro, 2021.
- FROMM, Erich. L'arte di amare. Mondadori. Milão, 1996.
- NOUGUÉ, Carlos. Suma Gramatical da Língua Portuguesa. É Realizações, São Paulo, 2015.
- SCHERER, Daniel Scherer. A raiz antitomista da modernidade filosófica. Edições Santo Tomás, Formosa, 2018.
- MARÍAS, Julián. História da Filosofia. Martins Fontes. São Paulo, 2004.
- REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga - Vol. I. Paulus. São Paulo, 2005.